

### DIDÁTICA EM QUESTÃO OU DIDÁTICA- AÇÃO? UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Denise Balarine Cavalheiro Leite (\*)

#### INTRODUÇÃO

Desde o início dos anos 80 a Didática, universitária em especial, vem sendo colocada na berlinda. A Didática em Questão foi o tema do 1.º Seminário de Didática realizado em 1980, do 2.º Seminário realizado na PUC do Rio de Janeiro em 1984, do 3.º Seminário realizado na USP, São Paulo em fevereiro de 1985. O debate sobre a Didática nos anos 80 não se restringiu porém a estes seminários. O tema tem sido alvo de publicações nas revistas de Educação do país e vem sendo discutido nas Conferências Brasileiras de Educação, nas Reuniões da SBPC, nos encontros de Didática e Prática de Ensino e, em especial, no GT Metodologia Didática da ANPED (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação).

Se esta discussão a nível nacional vem se ampliando, suas repercussões a nível do fazer docente traduzem-se em uma sobrecarga de preocupação para o professor universitário.

Teoria e prática sempre foram alvo de discussão em qualquer disciplina. As questões epistemológicas, a reflexão sobre a pesquisa visando o conhecimento válido e verdadeiro, também o são. Pois bem, a Didática, inegavelmente, defronta-se hoje com a sua maior crise de auto-afirmação no campo do conhecimento necessário à formação do educador brasileiro. Questões epistemológicas, questões

\* Professora Adjunto, Departamento de Ensino e Currículo, Faculdade de Educação/UFRGS, Doutoranda PGEDU/UFRGS.

sobre sua ligação com a prática docente encabeçam esta crise. Porém, estes dois pólos não concentram toda a crítica. Argumentos de toda ordem vêm sendo levantados nesta verdadeira "ciranda". Alguns chegam a negar a necessidade de existência dessa disciplina nos currículos universitários. Os partidários desse argumento alegam sua inespecificidade, sua não qualificação para a inclusão nos currículos dos cursos de formação de professores (Soares, 1985, p. 1). Outros em linha de pensamento similar, comprovam pela pesquisa que os "conteúdos" trabalhados pela Didática comportam-se com ingênua neutralidade. As bibliografias recomendadas e utilizadas pelos professores não contribuem para desenvolver o pensamento crítico do aluno, sendo politicamente neutras. E, apesar dos objetivos dos Planos de Ensino fazerem referência à transformação social, os conteúdos propostos, as leituras e atividades previstas certamente não vão além do discurso retórico ou do "novidadismo" (Osowski, C. e Scheibel, 1985; Parra, s/d, p. 5). Outros argumentos dizem respeito a ausência de um "mínimo de concordância" entre os termos chave, as definições e conceitos empregados pela Didática (Parra, s/d, p. 2). Neste sentido, as discordâncias parecem apontar para uma questão de extraordinária gravidade.

Se esta concordância não existe, a disciplina possuiria um corpo teórico que abrangeria uma área do conhecimento que justificaria sua existência? Seria possível construir uma Didática reunindo teoria e prática?

Quando o corpo teórico, por outro lado, está presente e até claramente definido, a ação pedagógica se caracteriza por "treinamento". Definir objetivos comportamentais, selecionar conteúdos, recursos, materiais, instrumentos e procedimentos de avaliação qualitativa fazem parte desta ação. O apoio teórico seguramente funda-se no tecnicismo, modalidade que reúne comportamentalismo, análise de sistemas e tecnologia educacional (Saviani, D., 1983, p. 33). Assim, a forma do "treinamento" adotado pela Didática durante anos também recebe críticas. Os Manuais de Didática e grande parte das publicações disponíveis nos anos 70 apoiaram-se nesta vertente que têm suas origens no pensamento de educadores e analistas americanos. Mesmo porque, a Didática ao adotar a forma "treinamento" mais uma vez invadia outras áreas do conhecimento, o que já acontecera aos anos 50 e 60 quando a Psicologia foi "adotada" pela Didática e que hoje, nos anos 80, parece acontecer com a versão "sociologista" da referida disciplina.

Enfim, o "desânimo pedagógico" atingiu seu ápice quando Zaia Brandão levantou a questão sobre o que aconteceria com a formação de professores se a Didática fosse eliminada do currículo e,

confirmou a resposta esperada: nada. "*Ou seja, em nada se modificará o perfil da prática pedagógica da maioria dos professores*" (s/d, p. 2).

Seria esta a Didática que eu ensinava? Refletindo sobre estas questões graves venho procurando encontrar a necessária relação teoria-prática, e resgatar a Didática Brasileira construída para o hoje e o aqui de nosso país. Uma didática que reflita sobre o ensino que desenvolve, que trabalhe com a contribuição de outras áreas do conhecimento, mas que critique as diferentes "*visões de mundo*", rastreie o conhecimento até suas origens, e onde o aluno com competência, tenha autonomia de escolha, é a tentativa que esboço. Ao construir com os estudantes da Área da Saúde aquela que denomino Didática-Ação foi possível verificar que existem muitas formas de ligar teoria e prática. O relato a seguir examina como se deu esta experiência.

## A DIDÁTICA-AÇÃO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

*"... a Didática no contexto de uma pedagogia atenta à transformação terá que ser forjada na prática, ou seja, o modo de ensinar não será gratuito, mas formulado dentro das circunstâncias de trabalho com o auxílio de informações e princípios já estabelecidos e universalizados"*. (LUCKESI, 1984).

A experiência começa há mais de 10 anos atrás.

Recebo uma proposta para trabalhar com operários.

Não sei o que fazer. Começo a ler Freire, até então proibido e não existente em nossas bibliotecas. Compro meu primeiro livro no Rio de Janeiro. Estudo e discuto com outro profissional. Vislumbro possibilidades de ação. Partimos para a organização de Grupos de Reflexão com os operários. Começamos com a sua representação de mundo e discutimos todos os assuntos que esta representação possibilita. A experiência é bem sucedida e o trabalho se amplia. A equipe também — de duas pessoas, passamos a cinco, entre eles um enfermeiro, que passamos a chamar Enfermeiro Social. A equipe também aprende — ela também passa a ser um Grupo de Reflexão multidisciplinar. A recessão extingue o trabalho.

Entro oficialmente na Universidade. Como professora "*nova*" (tinha dez anos de convênio e quatro de concursada e não admitida) devo passar pelo teste de fogo do Departamento: dar aulas nas Ciências Sociais, no então recém-instalado Campus, onde os professores de Didática eram soberanamente rejeitados. Com muito medo entro na aula! Todos me olham, botam os pés em cima das

cadeiras, passam cigarros (ou baseado?) e, logo a seguir começam a conversar entre si. Explico o que vim fazer. Uma das moças me olha e diz: "Olha aqui acho que tu não tem nada prá fazer aqui". "Qual é a tua competência prá ser nossa professora?". Respondo que não sei exatamente qual é a minha competência, mas sim o meu compromisso e o meu desejo de aprender tanto quanto o deles.

Estes dois desafios me incentivaram.

Aquilo que é se considerava o programa de Didática da época pouco tinha a ver com os alunos, com seus interesses e desinteresses, com suas necessidades percebidas ou não, com seus estereótipos e preconceitos. Daí a emergência da tarefa de construir com os alunos, a exemplo do que havia feito com os operários uma Didática viva, uma Didática-Ação. (Não se falava ainda em planejamento participativo) experiência que retomo quando começo a trabalhar com o primeiro grupo de alunos de enfermagem, no mesmo ano. Já então dentro do meu campo, pois, enfermagem, nutrição, higiene, desenvolvimento da criança entre outros, faziam parte do meu currículo de graduação.

## A DIDÁTICA-AÇÃO NA ÁREA DA SAÚDE

Thiollent (1985, p. 14) diz que a pesquisa-ação — de onde retiro o termo *Didática-Ação* — tem base empírica, é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Esta "ação" encontra seu espaço no projeto de transformação da realidade social. "Visando a mobilização das populações", como refere Oliveira (1980, p. 103) "a sua organização para que se engajem em projetos de ação transformadora do seu meio, a ação cultura deve partir de um conhecimento preciso das condições deste meio, de um conhecimento das necessidades sentidas das populações, de que a razão de ser mais profunda nem sempre já foi percebida e claramente destacada por elas."

Se isto é verdade para a ação cultura na comunidade também o é para a ação-ensino na sala de aula — *a minha realidade profissional, o meu compromisso dentro de um determinado contexto histórico e social, no meu país*. Estes pressupostos iniciam a questão da Didática Aplicada à enfermagem, cuja primeira fase costuma chamar de:

## A FASE EXPLORATÓRIA

A primeira realidade a ser lida é a dos meus alunos. Quem são eles? O que querem? O que trazem? O que pensam da educação? E da saúde? Nesta fase, onde vamos nos conhecendo aos poucos, lemos e discutimos leituras em seminários. As leituras são opcionais. Forneço uma listagem de autores brasileiros desde Anísio Teixeira a Paulo Freire e Darcy Ribeiro em Educação e de Gentile de Mello aos materiais do IBASE ou à Raimunda Germano e Landman, ou ainda, pesquisas sobre a condição de trabalho da mulher ou ainda, dependendo do momento — Diretas, Plano Cruzado, Constituinte. As sugestões não são exclusivas. Os alunos trazem as leituras que desejam fazer dentro de Educação e Saúde. Via de regra os assuntos voltam-se para os determinantes políticos, sociais ou históricos da Saúde e da Educação no país. Frequentemente preciso fazer uma revisão dos principais fatos da nossa história política que ficaram esquecidos ou de cujas relações com o presente não se tem noção bem clara. Já construímos inclusive, Linha de Tempo sobre a Enfermagem e a Saúde no Brasil. Analisamos desta forma a herança colonial que atrela a problemática da Saúde ao Estado e conseqüentemente torna o assistencialismo a forma predominante de ação dos profissionais.

As reflexões desta fase conduzem ao planejamento da disciplina p.d. Hoje retomo a questão do planejamento racional e do participativo: O que vamos fazer? O que queremos aprender? O que queremos fazer com o que aprendemos? Estas aprendizagens terão sentido para nossa sociedade? Qual o nosso compromisso?

Aprender a fazer fazendo, velho princípio Escolanovista, ao qual acrescento, *"aprender a fazer fazendo e refletindo sobre o que se faz"*, perpassa o aprendizado didático p.d. que se dá naquela fase que caracterizo como a:

## A FASE DA AÇÃO

São os problemas percebidos pelos alunos, a partir das discussões e leituras anteriores e/ou a partir de suas próprias experiências, que direcionam esta fase. O grupo decide a ação e esta pode se dar grupal ou coletivamente. As mais variadas atividades integrando Educação e Saúde já foram experienciadas nestes anos. Entre elas lembro:

- (1 ) grupos de adolescentes de Vilas Periféricas
- (2 ) grupos de adolescentes engraxates

- (3) grupos de bandeirantes/grupos de jovens em academia de ginástica
- (4) grupos de jovens — igrejas de confissões diversas
- (5) adolescentes de escolas do sistema
- (6) crianças, pais e professores de escolas de periferia
- (7) pais e professores de escolas do sistema
- (8) pré-escolas de periferia ou Centros de Comunidade
- (9) mães de hospital infantil
- (10) mães da comunidade
- (11) posto-avançado da Secretaria da Saúde — Grupos de Adultos diversos
- (12) grupos de moradores de blocos do BNH
- (13) grupos de reflexão com equipes de atendimento em hospital
- (14) treinamento equipes de hospital psiquiátrico, de traumatologia, materno-infantil
- (15) treinamento primeiros socorros na Construção Civil
- (16) pesquisa sobre a atuação do Enfermeiro na Empresa
- (17) pesquisa sobre as Atividades do Enfermeiro na Escola de 1.º Grau
- (18) pesquisa sobre os problemas de Saúde percebidos pelos escolares/professores/pais
- (19) pesquisa sobre as atividades do Enfermeiro nos Centros de Atendimento ao Estudante
- (20) estudo em profundidade ou leitura crítica de um tema ou autor relativo à atuação em comunidade, processo participativo ou ideologia no ensino da enfermagem.

Uma experiência de ação pedagógica, se possível transformadora, é então desenvolvida. O que se busca?

Aliar o saber prático ao teórico, o saber do profissional ao saber das pessoas para construir novos saberes com estas pessoas, com os grupos e com as comunidades. O desenvolvimento da sensibilidade para a descoberta de problemas e necessidades das pessoas, o deparar-se com uma situação humana totalmente desconhecida para a qual não se tenha uma solução pronta, são aprendizagens importantes com esta fase. Nela surge a grande questão.

— *Transformar ou reproduzir?*

*“Se saúde e doença são fenômenos do viver que decorrem das relações do homem com o meio, com os grupos sociais com os quais interage, então é preciso conhecer este homem, este meio e este viver”* (Mello, 1976).

Como concebemos este homem? A partir de pressuposições? De forma positivista, como observadores dos fenômenos do viver, escorados na neutralidade científica e no fazer racionalizado de profissionais? Concebemos este homem como alguém que pode ser manipulado, objeto de nossa ação, alguém cujos comportamentos poderão ser modificados através de nossa educação? Ou, concebemos o homem como ser concreto, como sujeito, participante, capaz de determinar o seu viver, cuja natureza também mutável, mas também determinável, é capaz de produzir transformações? Seu viver é questionado? As causas e determinações dos problemas deste homem, no seu cotidiano, são desveladas? São objeto de reflexão; de busca de crescimento e de justiça?

Se a ação conseguir desencadear algumas destas indagações compreendemos que ela é uma — *intervenção social* — e, como tal, pode se desenvolver em dois planos que, aparentemente dicotômicos, guardam na verdade uma relação de movimento entre si — *do plano objetivo ao plano subjetivo* — da ação. Nesta ação pela interação entre os planos, pelo processo de movimento entre eles, busca-se melhorar a saúde, ou tratar a doença em um dos vértices; no outro, busca-se a conscientização. A educação é o instrumento para viabilizar e a saúde é a meta em uma direção; na outra direção, *a saúde é o instrumento de viabilização e a educação é a meta* (Carvalho, 1980, p. 61). Na interação dos planos, corre-se o risco de privilegiar apenas um dos pontos de partida e fazer uma prática conservadora, ou o que é pior ainda uma prática “*in*” consciente, onde o objetivo do profissional passa a ser aquilo que chamo de “*enlatamento*” — a virtude de convencer habilidosamente as pessoas. Nesta forma, os indivíduos, os grupos e as comunidades permanecem atrelados ao profissional de saúde e a ação reivindicatória que se estabelece, termina na força possível do próprio enfermeiro que passa a ser visto como o único competente para resolvê-la.

É a co-relação entre os planos objetivos e subjetivos que permitirá a compreensão do todo. Neste movimento constante de idas e vindas, a intervenção social transformadora do profissional dar-se-á pela compreensão dos problemas, dos valores, das crenças e da cultura próprias das pessoas. Com as quais, e pela ação em conjunto procura-se resolver os problemas — combater as doenças, em um dos planos, mas também, e principalmente, no outro vértice do mesmo plano, manter a saúde dentro das propostas do caminhar independente, não atrelado.

"Nesta nova perspectiva, a educação deixa de ser uma atividade especializada, separada da vida e da produção, para transformar-se numa atividade permanente voltada para a transformação da realidade. Ela deixa também de ter lugar exclusivamente dentro do recinto escolar, sob o controle de professores e educadores, para transformar-se em tarefa e responsabilidade do conjunto da comunidade. Ela deixa de ser uma empresa individualista para transformar-se num vasto esforço cooperativo em que, até certo ponto, todos desempenham o papel de educadores, educandos e trabalhadores" (Oliveira, R. 1980, p. 105).

## A FASE DA TEORIZAÇÃO OU DA DÚVIDA PERMANENTE

A ação realizada ou a realidade observada, são discutidas. Igualmente, os planos em que ela se deu. Razões e motivos são analisados. Sínteses escritas podem ou não ser produzidas neste momento. Replanejamentos também ocorrem. Procuro levar informações pertinentes que expliquem melhor os fenômenos ou permitam uma análise mais aprofundada das suas causas. Novas leituras às vezes são solicitadas. Questões sobre "técnicas" de ensinar são levantadas. Às vezes, o desânimo é a tônica. Por vezes, a disciplina já encerrou oficialmente e dois, ou três, ou mais alunos, continuam desenvolvendo a sua ação ou discutindo e reescrevendo suas impressões.

Na Didática-Ação, em verdade, não existe um final. A Fase de Teorização, pela dúvida que pode desencadear, é um começo, um momento de questionamento vital. Nela a realidade social é sentida na sua concretude, na sua circularidade, nos seus diferentes planos e correlações. As reflexões que se propiciam estimulam a busca de caminhos onde prática e teoria se completam. Onde muito freqüentemente aquilo que mais se aprende é que não existe um ensino melhor ou exclusivo para a promoção da saúde. Mas que, é na ação, associando sensibilidade e reflexão que se constroem os caminhos.

## CONCLUSÃO

Enfim, quer-se hoje uma Didática brasileira, não conservadora e/ou reprodutivista como a sua história mostra, (1) porém crítica e coerente, não apenas uma "Didática em Questão" mas, uma Didática em Ação, um corpo de conhecimento útil para a finalidade a

(1) A este respeito veja-se LEITE, D. *et alii*, 1987, e VEIGA, I. 1987.

que se propõe; uma prática articulada e coerente que se expresse no agora e no hoje sem esquecer seu passado tendencialmente dependente. Parece haver consenso entre educadores e pesquisadores de que é preciso investir na saída da crise; de que é preciso construir esta nova Didática a partir de um projeto histórico claramente definido (Freitas, 1987) onde o professor seja um dos participantes que desenvolve uma ação educativa com os alunos a partir de uma consciência social desenvolvida, de um compromisso histórico com a sociedade brasileira que deseja ser transformada no sentido da busca da justiça social e de liberdade.

O relato da experiência de Didática-Ação confirma empiricamente a existência de uma possibilidade, que está aberta à crítica e ao debate.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, Zaia. *Abordagens alternativas para o desenvolvimento da didática*. Rio de Janeiro, s.d., 17 p. mimeo.
- CARVALHO, Antonio Ivo. Saúde e educação de base. *Saúde em Debate*. São Paulo, 5:61-65, 1980.
- FREITAS, L.C. Projeto Histórico, Ciência Pedagógica e Didática. X Reunião Anual da ANPEd, Salvador, maio/87. mimeo.
- LEITE, Denise *et alii*. Retomando a história da didática na UFRGS. In: Relatório de Pesquisa *A Consciência Educacional do Professor*. Porto Alegre, DEC/FACED/UFRGS/INEP, 1987.
- LUCKESI, Cipriano. Elementos para uma didática no contexto de uma pedagogia para a transformação. *Anais da III Conferência Brasileira de Educação*. Niterói, 1984, p. 202-17.
- MELLO, Joaquim Roberto Cardoso de. A prática da saúde e a educação. *Saúde em Debate*. São Paulo, (1): 13-14, out/dez., 1976.
- OLIVEIRA, R. Aprender para viver melhor. In: *Vivendo e Aprendendo*. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- OSOWSKI, C. e SCHEIBER, M. Planos de Didática: compromisso com quem e para quem? *Tecnologia Educacional*. Rio de Janeiro, 11(66/67). 11-19, set/dez, 1985.
- PARRA, Nélio. Didática dos modelos a prática de ensino. Faculdade de Educação/USP, São Paulo, s.d. 1/p. mimeo.

- SAVIANI, Dermeval. *Filosofia da educação brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1983.
- SOARES, Magda. Relação entre didática e disciplinas de conteúdo. *III Seminário Didática em Questão/USP*. São Paulo, fev/85, 5 p. mimeo.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo Cortez Editora, 1985.
- VEIGA, Ilma. Didática: uma retrospectiva histórica. *X Reunião Anual da ANPED*. Salvador, maio/87, 16 p. mimeo.

O relato da experiência de Didática-Ação configura empiricamente a existência de uma possibilidade, que está aberta à crítica e ao debate. A BASE DA TEORIZAÇÃO DA OU

A ação educativa é um processo contínuo e não se esgota em um único ato. Ela é um processo em que se vão criando e reformulando os sentidos e os significados da prática educativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Maria. *Didática: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1987.

CARVALHO, Arnaldo. *Didática: fundamentos e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1987.

PRETAS, F. C. *Projeto Histórico-Científico Pedagógico e Didático do Renascimento*. São Paulo: Cortez, 1987.

LEITE, Denise. *Emília: um caminho para a história da didática no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1987.

LUCKESI, Cleonice. *Elementos para uma didática no contexto de uma prática pedagógica*. São Paulo: Cortez, 1987.

MELLO, Joaquim Roberto Cardoso de. *A prática da saúde e a educação*. São Paulo: Cortez, 1987.

OLIVEIRA, R. *Aprender para viver melhor*. In: *Vivendo e Aprendendo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

OSOWSKI, C. e SCHIMMEL, M. *Elementos de Didática*. São Paulo: Cortez, 1987.

FARRA, Maria. *Didática dos modelos e práticas de ensino*. São Paulo: Cortez, 1987.